



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2023

ERA UMA VEZ UMA VOZ: O QUE SE APRENDE COM A ESCUTA DAS HISTÓRIAS DE UMA MULHER NARRADORA?

Rayssa de Jesus Santana¹; Maria Cláudia Silva do Carmo²

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduando em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: rayssasantana24@yahoo.com
2. Professora Doutora Maria Cláudia Silva do Carmo, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: mcscarmo@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Voz; escuta; histórias; tradição oral; narradora.

INTRODUÇÃO

Neste resumo, apresentaremos os resultados do plano de trabalho de Iniciação Científica intitulado “Era uma vez uma voz: o que se aprende com a escuta das histórias de uma mulher narradora?”, vinculado ao grupo de Estudos e Pesquisas em Poéticas Oraís, da Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, o qual tem como projeto de pesquisa "Cacimba de histórias: vidas e saberes dos contadores tradicionais do interior da Bahia". O objetivo deste plano foi construir um acervo audiovisual das entrevistas narrativas das histórias de vida das mestras narradoras das cidades do interior da Bahia, assim como, refletir sobre as aprendizagens que emergem da escuta de histórias narradas por mulheres. Com o objetivo de estreitar os laços entre os saberes acadêmicos as histórias de vida associadas, assim como reconhecer que a representação das mulheres nem sempre ocorreu de forma apropriada.

A tradição oral constitui-se em um campo de conhecimento, a qual preservam as estruturas arcaicas e as informações sobre ritos e mitos, uma vez que, está trata de um acervo de memória que se constrói e reconstrói em cada narrador e em cada ouvinte, de acordo com cada grupo e suas necessidades e visões de mundo. (HAMPATÉ BÁ, 2010). O referido plano toma como embasamento teórico os seguintes autores; Amadou Hampaté Bá (2003), Gislayne Matos (2005), Cléo Busatto (2012), Beatriz Bedran (2012), Conceição Evaristo (2008), (2017) e Bell Hooks (2019).

METODOLOGIA

A partir dos objetivos da pesquisa, nos inspiramos na perspectiva (auto)biográfica, a qual está embasada na abordagem da pesquisa qualitativa, e optamos como técnica de pesquisa, a realização de entrevistas em profundidade com uma mulher narradora. As entrevistas foram gravadas e transcritas, sendo realizadas em um total de três encontros. No primeiro deles, houve um momento de diálogo aberto, para que a mestra pudesse se apresentar e conhecer o plano de trabalho, criando assim, laços para que nos próximos encontros, as gravações fossem feitas. No segundo encontro, a mestra compartilhou as suas histórias de vida, e no terceiro, a mesma partilhou as suas cantigas baseadas nas suas experiências pessoais e vivências.

A (auto)biografia, considera que o conhecimento tem como ponto de partida o indivíduo e assim, os saberes são socializados. Nessa perspectiva, a memória possibilita que seja possível trazer à tona as histórias, saberes, contos e cantigas que são ouvidas, uma vez que, a narrativa oral tem um papel imprescindível na construção e perpetuação da identidade coletiva de um povo. O vídeo das entrevistas realizadas com a mestra escolhida, conhecida como Dona Dudu, alimentou o acervo do projeto de pesquisa Cacimba de História, estes foram editados, organizados e publicados no canal do *YouTube* "Observatório de Contação UEFS", o qual pode ser acessado por meio do link; <https://www.youtube.com/@ObservatoriodeContacao>.

ANÁLISE DE RESULTADOS

O plano de trabalho desenvolvido teve resultados significativos e relevantes para meu processo de aprendizagem no tocante a escuta de narrativa oral por uma mestra. As entrevistas foram realizadas com a mestra Antonieta Souza dos Santos, a qual é mais conhecida como Dona Dudu, uma senhora de 98 anos de idade que mora na Estrada do Besouro, no bairro Asa Branca, localizado na cidade de Feira de Santana/BA. A referida mestra é conhecida popularmente no bairro que mora, por ser uma mulher forte e com uma grande família, uma vez que, tem 12 filhos, 43 netos, 53 bisnetos e 6 tataranetos. Como exemplo de liderança, Dona Dudu fortalece a comunidade em que mora, não apenas por ser um símbolo de representatividade familiar, mas também por ser uma mulher determinada e corajosa, que enfrentou muitos desafios em sua vida, trazendo muitos ensinamentos.

Durante a primeira entrevista, Dona Dudu, compartilhou em suas narrativas, que enfrentou muitas dificuldades, uma vez que, ao ter ficado viúva ainda muito nova e com

filhos para criar, ela provou que tinha força e garra. A mestra, t que, também narrou que antes de ter ficado viúva, nunca havia precisado trabalhar. Sendo assim, conseguiu se reinventar, para assim, poder proporcionar aos seus filhos, uma boa qualidade de vida. Dona Dudu trabalhou de lavadeira, passadeira, vendedora de doces, xaropes caseiros e frutas na feira.

Na segunda entrevista, apresentou as cantigas que marcaram a sua juventude, as quais dizem muito também sobre o contexto histórico da época, especificamente em meados da década de 1940, sendo estas: “No caminho da roça; Roda Açucena; Mande me buscar; Açucena; Me dê licença e Menina Bonita”. Após ouvir as histórias de vida e as cantigas da mestra Dona Dudu, foi possível realizar relações entre ambas, principalmente no que se diz a respeito as suas experiências pessoais e sociais. Dona Dudu (2023) destacou “eu tô contando, eu não vou esconder para Deus, né? Eu tô contando para o mundo o que eu fiz, né? Eu tive duas gentes de gente. Eu tive duas famílias de gente. No primeiro eu tive seis, depois eu tive seis [...] Cada um menino de um pai, eu ia pra festa namorava lá pra lá, cachorra mais cachorra lá, e ficava um fio[...]

Nesse sentido, Dona Dudu destaca na sua narrativa que tinha que sair escondido dos seus pais para namorar, pois a sua família tinha grande preocupação com a sua reputação, assim, assim compreendemos que as mulheres, nesse período, não tinha a liberdade de ser e fazer o que queriam, e por isso, tudo deveria ser às escondidas, como podemos notar na cantiga “Menina bonita”, onde o ‘deserto’ promove uma sensação de paz e liberdade para a menina.

Menina bonita, aonde você vai?
Vou pro deserto, vou viver não volto mais [...]
Menina bonita, pra onde você vai?
Eu vou pro deserto, não volto mais [...]
Oh menina bonita, pra onde você vai?
Eu vou pro deserto, vou viver e não volto mais.
(DUDU, 2023, s/p)

Tais narrativas provocaram reflexões a respeito da importância de ouvir as histórias de vida das mestras narradoras, e assim, entender o quanto as suas trajetórias podem influenciar uma sociedade. Em especial, a partir da escuta das histórias de vida e cantigas narradas por Dona Dudu (2023), aprendi a relação entre o passado, presente e sobre o futuro não sabemos, assim afirma Dona Dudu: “eu sei de hoje, de agora. Eu não sei de amanhã, porque a palavra de Deus diz, né. A gente sabe de agora, mas não sabe de amanhã.”. Nesse sentido, aprendi sobre o processo de superação de Dona Dudu, assim como a mestra não se abateu com os momentos de dificuldade, seguiu em frente, mesmo em meio às circunstâncias complicadas. Além disso, com as narrativas de Dona Dudu,

possibilitou-me refletir sobre o inusitado, o imprevisto, o acontecimento. Desse modo, Dona Dudu superou as dificuldades e os seus medos e provou para si mesma e para a sociedade por meio da honestidade e simplicidade, superou as barreiras impostas pela vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ouvir as histórias e cantigas narradas por uma mulher, como a mestra Dona Dudu, compreendi como as narrativas ensinam para quem as escuta, e o quanto essas histórias possibilitam a articulação entre os saberes científicos e tradicionais, a partir das suas experiências, perspectivas de vida, visões de mundo e de conhecimentos e saberes. Nesse sentido, as aprendizagens emergiram a partir da articulação entre os valores sociais; a narrativa da mestra também me proporcionou conhecer a sua itinerância de mulher, mãe, líder e os seus princípios na criação dos seus filhos.

Dona Dudu, me ensinou também sobre o quanto devemos ser fortes, mesmo quando todos digam ao contrário; ao enfrentar as dificuldades para o processo de superação. Aprendi também com a narrativa de Dona Dudu sobre o amor-próprio, ao se considerar a pessoa mais importante da sua vida, e por fim, aprendi a refletir sobre o cuidado, pautado nas dimensões ética, estética, cultural, política, pedagógica e espiritual.

REFERÊNCIAS

- BÂ, Amadou H., A. **Tradição Viva** In. História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki -Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.
- BEDRAN, B. **A arte de cantar e contar histórias: narrativas orais e processos criativos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012
- BUSATTO, C. **Contar e Encantar: Pequenos segredos da narrativa**. 8. –ed: - Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- EVARISTO, C. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017c
- EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- HOOKS, B. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Trad. de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- MATOS, G.A. **A palavra do contador de histórias**. 2ª ed. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2014.